Olá!

Esta é a quarta atividade de um conjunto de sete propostas que podem ser realizadas após a exibição do episódio “Puxando menino – o trabalho de parto”, do programa de vídeo Causos e falas daqui e dali.

Ela aprofunda os temas apresentados no vídeo, através de textos e exercícios.



Após a realização das atividades, sugerimos que você participe de um jogo interativo, em que seus conhecimentos serão verificados e aprofundados.

O episódio de vídeo, as atividades e o jogo estão disponíveis no Portal do Professor: [http://portaldoprofessor.mec.gov.br/.](http://portaldoprofessor.mec.gov.br/)

Bom trabalho!



Atividade Pelejas e desafios

Episódio Puxando menino - o trabalho de parto

Programa Causos e falas

Como você viu no episódio “Puxando menino”, um dos filhos de Seo Raimundo convidou dois cantadores para se apresentar na festa de seus pais. Isso era muito comum no Nordeste e, ainda hoje, acontece algumas vezes.

Atualmente, os cantadores formaram duplas fixas para se apresentar em festas, feiras, praças ou qualquer lugar em que haja muita gente junta. Nesses casos, eles sabem o que o colega cantará e apenas fazem de conta que estão se desafiando. Antigamente, no tempo em que o Cego Aderaldo e o Zé Pretinho cantavam, os encontros entre dois cantadores eram verdadeiras brigas poéticas! Cada um deles se esforçava para criar a maior quantidade de versos sem se atrapalhar, ao mesmo tempo em que tentava perturbar o oponente para ver se ele desistia de cantar. Isso não era nada fácil, pois não bastava conseguir manejar os temas. Era preciso também seguir determinadas formas poéticas.

Todo mundo que assiste desafios com frequência conhece as formas e os temas que podem fazer parte de uma peleja. Se você não está entre os que convivem com cantadores, preste atenção, pois vamos explicar como os cantadores se comportam em uma cantoria. Se você é um fã de carteirinha, confira seus conhecimentos! No início, os cantadores costumam se apresentar e cumprimentar o



adversário, já em versos.

O mais comum é começarem com sextilhas (ou seja, estrofes de seis versos – ou seis linhas,



como dizem alguns poetas populares), com versos setissílabos (quer dizer, com sete sílabas poéticas por verso), rimando o segundo, o quarto e o sexto versos. Sentiu a complicação? E isso não é nada!

Passada a apresentação, eles logo começam a se provocar, falando mal um do outro. A afronta pode ser leve, como criticar a roupa que o outro veste, mas pode ficar bem pesada, quando resolvem partir para o xingamento aberto, muitas vezes colocando até a mãe no meio... A ideia é fazer o oponente perder a cabeça e não conseguir responder. Em geral, somente os novatos caem nesse truque. Os mais experientes aguentam firme e sobem o tom, ameaçando fazer coisas terríveis com o outro, como dar-lhe uma surra, tirar seu couro, esfolar seu corpo todo. Tudo em verso, bem entendido!

Se nenhum dos dois perder a calma e errar ou for incapaz de responder à altura, ambos continuam cantando, mas tentam embaraçar o outro mudando a forma poética. Há diversas possibilidades de estrofes e de métrica. Só não vale fazer versos irregulares e sem rima. Isso seria uma derrota imediata. Dentre as várias formas possíveis há, por exemplo, o “martelo agalopado”, que tem estrofes de dez versos com dez sílabas em cada verso, com um esquema de rima bem complicado: devem soar da mesma maneira o final do 1º, 4º e 5º versos; outro som deve estar no final do 2º e 3º versos; outro ainda no final do 6º, 7º e 10º; e, finalmente, um outro no 8º e 9º versos. Para simplificar, os estudiosos costumam atribuir uma letra a cada rima, por isso, dizem que o martelo agalopado segue o esquema ABBAACCDDC. Se você acha que está difícil, espere só até saber que é preciso cuidar também da distribuição da sílaba tônica das palavras em cada verso! Têm que ser tônicas a terceira, a sexta e a décima sílabas de cada um dos versos. Algo mais ou menos assim: pa- pa-PÁ pa-pa- PÁ, pa-pa-pa-PÁ. Se um cantador mudar para essa forma poética, o outro será obrigado a segui-lo, ou perderá o desafio. Enquanto os dois aguentam, vão cantando e mudando as formas poéticas.

Há, ainda, outro recurso para fazer calar o adversário: propor perguntas complexas como os nomes dos afluentes esquerdos do Rio Amazonas ou de todas as capitais do Nordeste. Se já é difícil lembrar desses nomes todos, imagine só ter que apresentá-los sem perder a rima e a métrica.

Vale também propor um trava-línguas, como fez o Cego Aderaldo quando pediu ao Zé Pretinho que dissesse: quem a paca cara compra, cara a paca pagará. Você viu que ele não conseguiu repetir e, assim, perdeu o desafio.



Como o maior interesse dos cantadores é a glória poética, eles costumam dividir meio a meio o dinheiro que receberem do público. A grande honra do vencedor é continuar cantando, sozinho, apresentando narrativas em verso compostas por bons poetas populares ou inventadas por ele mesmo.



Saiba Mais

Para saber mais sobre a vida do Cego Aderaldo e sobre seu suposto encontro com Zé Pretinho, leia o artigo <http://recantodasletras.uol.com.br/cordel/5>



97345.

Veja o documentário O Vale dos Bichos de Pedra (Plural Filmes, Ceará, 2007), que mostra a história da formação da cidade cearense de Quixadá e a trajetória de personagens históricos como o poeta Cego



Aderaldo e a escritora Rachel de Queiroz.

Ouça a canção “O Cego Aderaldo”, composta por Baden Powel em homenagem ao cantador, no álbum musical Suíte Afro-Consolação



Exercício 1

Agora que você já conhece as principais características dos desafios, vai ser capaz de analisar o encontro do Cego Aderaldo com Zé Pretinho. Ninguém tem certeza de que essa peleja realmente aconteceu, mas ela ficou famosa a partir da publicação de um folheto escrito pelo poeta popular Firmino Teixeira do Amaral, no início do século XX.

Você vai encontrar algumas palavras que não conhece, mas isso não deve atrapalhar sua leitura. Muitas vezes, é possível compreender o sentido de um texto mesmo sem saber precisamente o sentido de cada uma das palavras. Se houver palavras desconhecidas que dificultem a compreensão do sentido, você deve grifá-las durante a leitura.

PELEJA DO CEGO ADERALDO COM ZÉ PRETINHO

Apreciem, meus leitores, Uma forte discussão

que tive com Zé Pretinho, Um cantador do sertão,

O qual, no tanger do verso, Vencia qualquer questão.

Um dia determinei

A sair do Quixadá

Uma das belas cidades Do estado do Ceará. Fui até ao Piauí,

Ver os cantores de lá.

Hospedei-me em Pimenteira

Depois em Alagoinha; Cantei em Campo Maior, No Angico e na Baixinha. De lá tive um convite

Pra cantar na Varzinha.

Quando cheguei na Varzinha, Foi de manhã bem cedinho Então, o dono da casa

Me perguntou sem carinho:

Cego, você não tem medo

Da fama de Zé Pretinho?

Eu lhe disse: não, senhor,

Mas da verdade eu não zombo

Mande chamar esse Preto,

Que eu quero dar-lhe um tombo

Ele vindo um de nós

Hoje há de arder o lombo.



O dono da casa disse: Zé Preto, pelo comum,

Dá em dez ou vinte cegos Quanto mais sendo só um Mando já ao Tucumanzeiro Chamar Zé do Tucum.

Chamando um dos filhos disse

Meu filho, você vá já

Dizer a José Pretinho

Que desculpe eu não ir lá E ele, como sem falta, Hoje à noite venha cá.

Em casa do tal Pretinho, Foi chegando o portador E dizendo: lá em casa Tem um cego cantador

E meu pai mandou dizer-lhe

Que vá tirar-lhe o calor!

Zé Pretinho respondeu: Bom amigo é quem avisa! Menino, dizei ao cego

Que vá tirando a camisa,

Mande benzer logo o lombo, Que eu vou dar-lhe uma pisa!

Tudo zombava de mim

Eu ainda não sabia

Que o tal José Pretinho

Vinha para a cantoria.

Às cinco horas da tarde, Chegou a cavalaria.

O preto vinha na frente, Todo vestido de branco, Seu cavalo encapotado,

Com um passo muito franco. Riscaram duma só vez,

Todos no primeiro arranco.

Saudaram o dono da casa Todos com muita alegria, E o velhote, satisfeito, Folgava alegre e sorria. Vou dar o nome do povo Que veio pra cantoria:

Vieram o capitão Duda Tonheiro, Pedro Galvão, Augusto Antônio Feitosa, Francisco, Manuel Simão, Senhor José Campineiro, Tadeu e Pedro Aragão.



O José das Cabeceiras

E o senhor Manoel Casado, Chico Lopes, Pedro Rosa

E o Manoel Bronzeado,

Antônio Lopes de Aquino

E um tal de Pé-Furado.

Amadeu, Fábio Fernandes, Samuel e Jeremias,

O senhor Manoel Tomás, Gonçalo, João Ananias

E veio o vigário velho, Cura de Três Freguesias.

Foi dona Merandolina,

Do grêmio das professoras, Levando suas duas filhas, Bonitas, encantadoras

Essas duas eram da igreja

As mais exímias cantoras.

Foi também Pedro Martins, Alfredo e José Segundo, Senhor Francisco Palmeira, João Sampaio e Facundo

E um grupo de rapazes

Do batalhão vagabundo.

Levaram o negro pra sala E depois para a cozinha; Lhe ofereceram um jantar De doce, queijo e galinha Para mim, veio um café

E uma magra bolachinha.

Depois, trouxeram o negro. Colocaram no salão, Assentado num sofá,

Com a viola na mão,

Junto duma escarradeira, Para não cuspir no chão.

Ele tirou a viola

De um saco novo de chita, E cuja viola estava

Toda enfeitada de fita. Ouvi as moças dizendo: Oh, que viola bonita!

Então, para eu me sentar, Botaram um pobre caixão, Já velho, desmantelado, Desses que vêm com sabão. Eu sentei-me, ele vergou

E me deu um beliscão.



Eu tirei a rabequinha

De um pobre saco de meia, Um pouco desconfiado

Por estar em terra alheia. Aí umas moças disseram: Meu Deus, que rabeca feia!

Um disse a Zé Pretinho: A roupa do cego é suja! Botem três guardas na porta, Para que ele não fuja

Cego feio, assim de óculos, Só parece uma coruja!

E disse o capitão Duda,

Como homem muito sensato: Vamos fazer uma bolsa! Botem dinheiro no prato

Que é o mesmo que botar

Manteiga em venta de gato!

Disse mais: eu quero ver

Pretinho espalhar os pés!

E para os dois contendores

Tirei setenta mil réis,

Mas vou completar oitenta

Da minha parte, dou dez!

Me disse o capitão Duda: Cego você não estranha! Este dinheiro do prato,

Eu vou lhe dizer quem ganha: Só pertence ao vencedor

Nada leva quem apanha!

E nisto as moças disseram: Já tem oitenta mil réis, Porque o bom capitão Duda, Da parte dele, deu dez...

Se acostaram a Zé Pretinho, Botaram mais três anéis.

Então disse Zé Pretinho:

De perder não tenho medo! Esse cego apanha logo

Falo sem pedir segredo! Como tenho isto por certo, Vou pondo os anéis no dedo...

Afinemos o instrumento, Entremos na discussão!

O meu guia disse pra mim: O negro parece o Cão! Tenha cuidado com ele,

Quando entrarem na questão!



Então eu disse: Seu Zé,

Sei que o senhor tem ciência

Me parece que é dotado Da Divina Providência! Vamos saudar este povo, Com sua justa excelência!

P- Sai daí, cego amarelo, Cor de couro de toucinho! Um cego da tua forma Chama-se abusa-vizinho Aonde eu botar os pés Cego não bota o focinho!

C- Já vi que seu Zé Pretinho

É um homem sem ação Como se maltrata outro Sem haver alteração?!... Eu pensava que o senhor Tinha outra educação!

P- Esse cego bruto, hoje, Apanha, que fica roxo! Cara de pão de cruzado, Testa de carneiro mocho Cego, tu és o bichinho,

Que comendo vira o cocho!

C- Seu José, o seu cantar Merece ricos fulgores Merece ganhar na sala Rosas e trovas de amores

Mais tarde, as moças lhe dão

Bonitas palmas de flores!

P- Cego, eu creio que tu és Da raça do sapo sunga! Cego não adora a Deus

O Deus do cego é calunga! Aonde os homens conversam, O cego chega e resmunga!

C- Zé Preto, não me aborreço

Com teu cantar tão ruim! Um homem que canta sério Não trabalha verso assim Tirando as faltas que tem, Botando em cima de mim!

P- Cala-te, cego ruim! Cego aqui não faz figura! Cego, quando abre a boca, É uma mentira pura

O cego, quanto mais mente, Ainda mais sustenta e jura!



C- Esse negro foi escravo, Por isso é tão positivo!

Quer ser, na sala de branco, Exagerado e ativo

Negro da canela seca

Todo ele foi cativo!

P- Te dou uma surra

De cipó de urtiga, Te furo a barriga, Mais tarde tu urra! Hoje, o cego esturra, Pedindo socorro

Sai dizendo eu morro! Meus Deus, que fadiga! Por uma intriga,

Eu de medo corro!

C- Se eu der um tapa No negro de fama, Ele come lama, Dizendo que é papa!

Eu rompo-lhe o mapa, Lhe rompo de espora; O negro hoje chora

Com febre e com íngua Eu deixo-lhe a língua Com um palmo de fora!

P- No sertão, peguei

Cego malcriado

Danei-lhe o machado, Caiu, eu sangrei!

O couro eu tirei

Em regra de escala: Espichei na sala, Puxei para um beco E, depois de seco,

Fiz mais de uma mala!

C- Negro, és monturo, Molambo rasgado, Cachimbo apagado, Recanto de muro! Negro sem futuro, Perna de tição,

Boca de porão, Beiço de gamela, Vento de moela, Moleque ladrão!

P- Vejo a cousa ruim Cego está danado! Cante moderado,

Que não quero assim! Olhe para mim,

Que sou verdadeiro, Sou bom companheiro Canto sem maldade

Eu quero a metade,

Cego, do dinheiro!



C- Nem que o negro seque

A engolideira,

Peça a noite inteira Que eu não lhe abeque Mas este moleque

Hoje dá pinote! Boca de bispote, Vento de boeiro,

Tu queres dinheiro? Eu te dou chicote!

P- Cante mais moderno, Perfeito e bonito,

Como tenho escrito Cá no meu caderno! Sou seu subalterno, Embora estranho Creio que apanho

E não dou um caldo... Lhe peço, Aderaldo, Que reparta o ganho!

C- Negro é raiz Que apodreceu, Casco de judeu! Moleque infeliz, Vai pra teu país,

Se não eu te surro,

Te dou até de murro, Te tiro o regalo

Cara de cavalo, Cabeça de burro!

P- Fale de outro jeito, Com melhor agrado Seja delicado,

Cante mais perfeito! Olhe, eu não aceito Tanto desespero! Cantemos maneiro, Com verso capaz Façamos a paz

E parto o dinheiro!

C- Negro careteiro, Eu te rasgo a giba, Cara de guariba, Pajé feiticeiro! Queres o dinheiro, Barriga de angu, Barba de guandu, Camisa de saia,

Te deixo na praia, Escovando urubu!

P- Eu vou mudar de toada, Pra uma que mete medo Nunca encontrei cantador

Que desmanchasse este enredo: É um dedo, é um dado, é um dia

É um dia, é um dado, é um dedo!



C- Zé Preto esse teu enredo

Te serve de zombaria! Tu hoje cegas de raiva E o Diabo será teu guia

É um dia, é um dedo, é um dado, É um dado, é um dedo, é um dia!

P- Cego, respondeste bem, Como quem fosse estudado! Eu também, da minha parte, Canto verso aprumado

É um dado, é um dia, é um dedo, É um dedo, é um dia, é um dado!

C- Vamos lá, seu Zé Pretinho, Porque eu já perdi o medo: Sou bravo como o leão,

Sou forte como um penedo

É um dedo, é um dado, é um dia, É um dia, é um dado, é um dedo!

P- Cego, agora puxa uma Das tuas belas toadas, Para ver se essas moças Dão algumas gargalhadas Quase todo o povo ri,

Só as moças tão caladas!

C- Amigo José Pretinho, Eu não sei o que será

De você depois da luta Você vencido já está! Quem a paca cara compra Paca cara pagará!

P- Cego, estou apertado, Que só um pinto no ovo! Estás cantando aprumado E satisfazendo o povo

Mas esse tema da paca, Por favor, diga de novo!

C- Disse uma vez, digo dez No cantar não tenho pompa! Presentemente não acho Quem o meu mapa me rompa Paca cara pagará,

Quem a paca cara compra!

P- Cego, teu peito é de aço Foi bom ferreiro que fez Pensei que o cego tinha

No verso tal rapidez! Cego, se não é maçada, Repete a paca outra vez!



C- Arre! Que tanta pergunta

Desse preto capivara!

Não há quem cuspa pra cima, Que não lhe caia na cara Quem a paca cara compra Pagará a paca cara!

P- Agora, cego, me ouça: Cantarei a paca já

Tema assim é um borrego No bico de um carcará! Quem a caca cara compra, Caca caca cacará!

Houve um trovão de risadas, Pelo verso do Pretinho. Capitão Duda lhe disse: Arrede pra lá, negrinho!

Vai descansar o juízo,

Que o cego canta sozinho!

Ficou vaiado o pretinho. E eu lhe disse: me ouça, José, quem canta comigo Pega devagar na louça! Agora, o amigo entregue O anel de cada moça!

Me desculpe, Zé Pretinho, Se não cantei a teu gosto! Negro não tem pé, tem gancho Tem cara, mas não tem rosto Negro na sala dos brancos

Só serve pra dar desgosto!

Quando eu fiz estes versos, Com a minha rabequinha, Busquei o negro na sala, Mas já estava na cozinha

De volta, queria entrar, Na porta da camarinha!

a) A maior parte dos xingamentos usados pelo Cego Aderaldo e por Zé Pretinho não faz parte do vocabulário atual. Essas eram palavras comuns no Nordeste, no início do século XX. Para saber do que eles estão se xingando, você vai precisar consultar um dicionário! Caso você tenha grifado outras palavras durante a leitura, aproveite para verificar qual é seu sentido.

b) Antes de apresentar a peleja, Firmino Teixeira do Amaral narra os preparativos e o encontro dos dois cantadores. Como o Cego é apresentado? E Zé Pretinho? Como os dois cantadores são tratados pelo dono da casa e seus convidados?

c) No início, quem você pensou que iria vencer?

d) Você é capaz de identificar as etapas da peleja? Descreva cada uma delas. Não é preciso copiar os versos! Basta dizer quais foram as estratégias usadas pelos cantadores.

e) Na questão anterior, você deve ter percebido o momento em que os cantadores mudam a forma poética que vinha sendo seguida desde o início da peleja. Identifique qual é a modalidade usada, pesquisando nos sites da “Academia Brasileira de Literatura de Cordel” (http://www.ablc.com.br) e do “Recanto das Letras” ([http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/218592).](http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/218592))

f) Em que momento você percebeu que o Cego Aderaldo iria ganhar o desafio?

g) Do seu ponto de vista, qual foi o melhor trecho da peleja? Transcreva-o e explique por que você julgou que esse é o melhor.

